

## Editorial

# Avanço veloz da fome nacional

Levantamento divulgado recentemente pela Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV Social), feito com base em estatísticas compiladas pelo instituto Gallup, traz um dado alarmante. Em 2021, a insegurança alimentar atingiu 36% dos brasileiros. Além de ultrapassar pela primeira vez a média global, calculada em 35%, o país estabeleceu novo recorde na série histórica de pesquisas da FVG sobre o tema, iniciada em 2016. Como a frieza dos números é incapaz de dimensionar o real tamanho do problema, basta dizer que o percentual diz respeito ao universo de pessoas que não tiveram dinheiro para comer ou garantir o alimento de suas famílias. Para ficar definitivamente claro, o mapa da fome no mundo abriga mais de um terço da população nacional.

O vergonhoso contingente de brasileiros de barriga vazia ano passado é o ápice de uma escalada que começou a partir de 2014, impulsionada pela crise econômica legada pelos governos Dilma Rousseff (PT). À época, a insegurança alimentar afetava 17% dos cidadãos. Após sucessivas altas,

chegou a 30% em 2019, primeiro ano de Jair Bolsonaro (PL) à frente da Presidência. A pandemia iniciada em 2020 acrescentou nada menos que seis pontos percentuais ao índice já bastante assustado e fez com que o país rompesse, de forma inédita, a linha mundial da fome. Embora o estudo não aborde o panorama de 2022, o galope sem tréguas da inflação, que se reflete sobretudo no caixa dos supermercados, reforça a percepção de horizonte ainda sombrio para quem precisa comer, mas não consegue.

A radiografia da fome no Brasil mostra para quem ela é mais intensa hoje. Segundo os dados da FVG, 47% das mulhe-

**Recorde de insegurança alimentar no Brasil expõe a gravidade de uma chaga que atinge hoje mais de um terço da população**

res não tiveram recursos suficientes para alimentar os filhos em 2021. Em comparação com 2019, o salto foi de 14 pontos. Já em relação à média global do ano passado, são dez pontos a mais. Aparentemente, esse crescimento fora do padrão está ligado à dinâmica da pande-

mia. Com escolas fechadas e mães obrigadas a deixar o trabalho para cuidar dos pequenos, as crianças ficaram sem acesso à merenda fornecida pela rede pública de ensino. Com isso, a dispensa de casa se tornou a única fonte de comida para todos. A hipótese é reforçada quando se olha o índice atribuído aos homens. Em movimento contrário, houve recuo de 27% para 26%.

Obviamente, os efeitos nocivos se tornaram substancialmente maiores para a parcela de baixa renda. Entre os 20% mais pobres, a dificuldade para adquirir alimentos alcançou 75% no Brasil. O que representa um aumento de 22 pontos no

intervalo de apenas dois anos. Com isso, o país se aproximou de nações dominadas por altos níveis de miséria, basicamente situadas na África. No mundo, a taxa para a faixa da pobreza foi calculada em 48%. Os mais ricos, por outro lado, apresentaram queda de percentual - de 10% para 7% dos brasileiros. Para estes, o cenário é semelhante aos da Suécia, caracterizado pela baixíssima desigualdade social.

Mais do que revelar o avanço da fome no território nacional, o levantamento indica possíveis falhas nos programas de transferência de renda e de combate à pobreza, cujo alcance poder ter ficado aquém do necessário. As interrupções ocorridas no Auxílio Emergencial na pandemia, as mudanças implantadas para transformar o Bolsa Família no Auxílio Brasil e a marcha inflacionária ajudaram a ampliar o fosso que separa o cidadão dos alimentos. Diante de números tão próximos da tragédia humana, poder público, iniciativa privada e sociedade civil precisam discutir com urgência saídas para minimizar o drama, antes que ele se espalhe ainda mais.